

1 ESCUDO

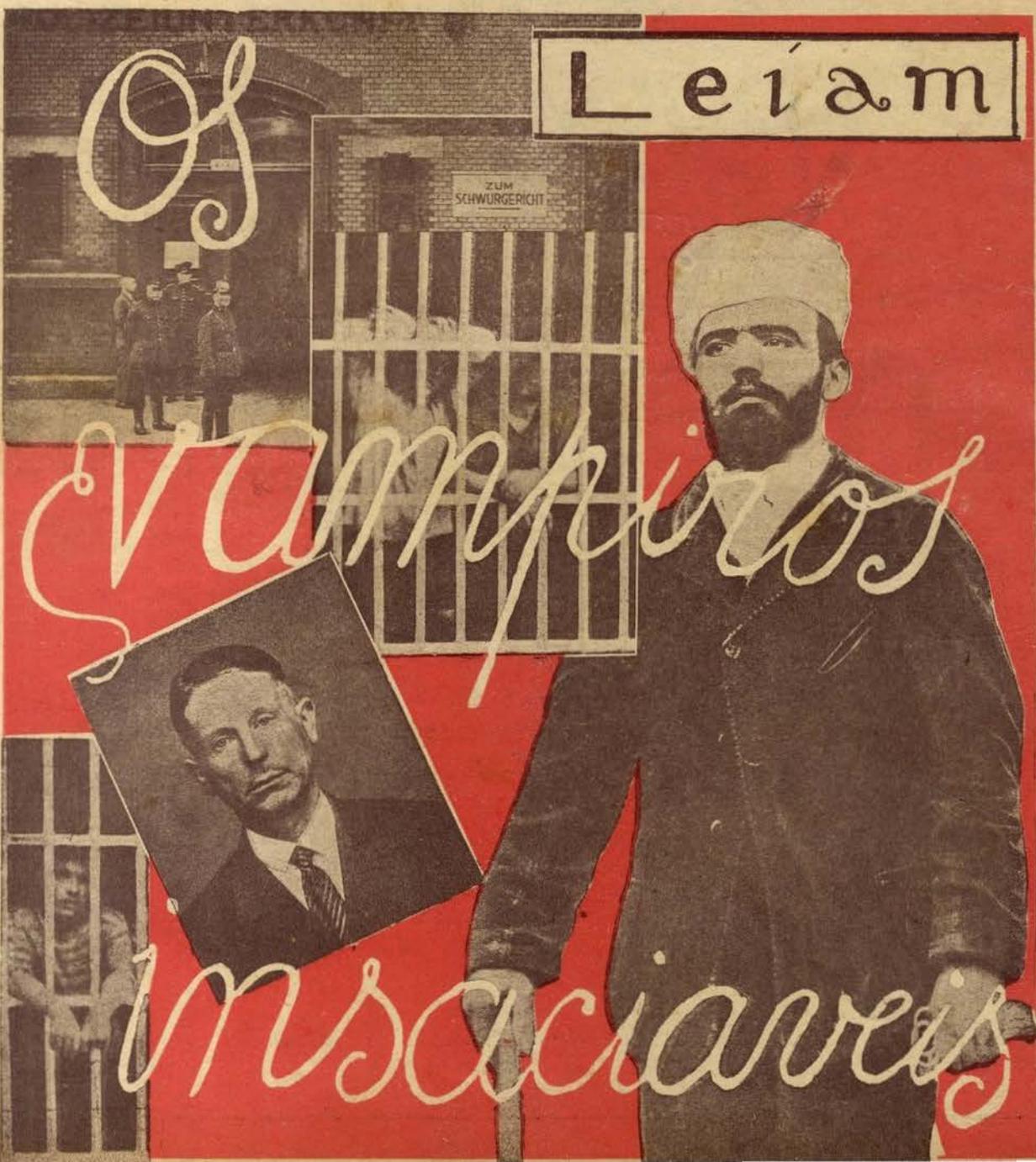
# Reportagem

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

9 de Maio de 1931

Numero 40



Leiam

Os  
Vampiros

Insaciáveis

P  
A  
S  
S  
A  
P  
O  
R  
T  
E  
S

Espanha, França, Brasil  
e America do Norte

=

Agente no Norte da

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz  
RUA DO LOUREIRO, 60  
Telefone 762 Porto

Feliciano Sobral

Rua da Fábrica, 11

PORTO

Telefone 4353

Atoalhados, colchas, cobertores e riscados

Representante da Casa

Teixeira de Abreu & C.<sup>a</sup>

Guimarães

LOTARIA DE SANTO ANTONIO

3.000.000\$00

Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda bilhetes a 800\$00, décimos a 80\$00, vigésimos a 40\$00 e quadragésimos a 20\$00

EXTRACÇÃO A 13 DE JULHO

“NOVELA POLICIAL”

N.º 15



O TÚMULO



DO FARAÓ



POR

AMERICO FARIA

QUINTA-FEIRA, 14 DE MAIO DE 1931



# AVOLTA DO MUNDO

## POR UM LEITOR DO reporter X

**O** Leitor do Reporter X, cuja alma confiante, plena de ilusões, se plasma nas cartas que nos tem enviado de Paris — a primeira «escape» da grande viagem à volta do mundo, que empreendeu por sugestão do nosso jornal — começa agora a sentir-se quasi restabelecida do abalo que lhe causou o contacto com um meio, um ambiente que tanto contrasta com o que o cercava em Lisboa. A sua carta de hoje, interessante como as duas primeiras, dá-nos a impressão de um homem que começa a reanimar depois de ter recebido uma pancada violenta crânio. Prestem atenção às suas curiosas confidências.

*Meu querido amigo:*

A pesar de ontem me ter deitado tarde, devido ao precalço, à grande aventura do «caveau» do Caucásien, que lhe contei na minha carta anterior, e de me terem povoado o sono as mais disparatadas alucinações, acordei hoje cedo e de bom humor. Aproveitei este feliz acaso para ir auscultar Paris, logo de manhã.

A porta do Adolphe Hotel hesitei um momento, não sabendo para onde dirigir os meus passos. Depois caminhei ao acaso. Em pleno «Boulevard des Italiens», um letreiro despertou-me atenção e o apetite: *Maison de Café. Entreei.* Queria um pequeno almôço à portuguesa e tomei um *petit déjeuner* à francesa.

Havia já muita gente àquela hora matutina — mas todos de pé junto do balcão, servidos por criados vestidos de branco, muito branco, que lembravam fantasmas. O pequeno almôço à francesa consta de café com leite e um bolo fofo, apetitoso, que tem aqui o nome de *croissant*. Ali é comer, beber — e andar...

Andei, respirando o ar fresco da manhã, seguindo de olho terno as rapariguinhas elegantes, estilizadas, taconeando apressadas para os «ateliers», para os escritórios, para os mil e um empregos onde elas ganham o seu sustento e, quantas vezes, o dos pais invalidos ou decrepitos. Elas nem se detêm um momento sequer para se certificarem de quanto eu as admiro. Agora outro pormenor da vida parisiense me chama a atenção: os trapeiros.

Eu sabia, através da leitura de romances mal traduzidos em português, que os trapeiros em Paris eram os mais estranhos do orbe. Quando os vi, reconheci-os nas baças imagens que a minha educação livresca me acumulara na memória. Os trapeiros de todas as cidades, de todas as capitais, têm o mesmo ar de família, de classe, que os irmana. Estes aqui têm qualquer coisa a mais que não está nos andrôjos nem na sujidade, nem no seu ar fatídico que os obriga a inclinar a fronte para a terra.

Estes têm qualquer coisa de misterioso, de enigmático a envolvê-los. As mulheres — porque há muitas mulheres nesta asquerosa profissão — lembram bruxas, que, curvadas para um ente invisível, murmuram rezas satânicas.

O meu amigo julgaria talvez que eu iria, nesta carta, citar-lhe o que toda a gente conhece, aí, em Lisboa, sem cá ter vindo: os Campos Eliseos, o Sena, Notre Dame, Louvre, os

quarteirões inteiros destinados aos grandes armazens de modas, os Grandelas apocalípticos de que esta capital tanto se orgulha. Não, meu caro, essas enormes ninharias pouca atenção me merecem; conheço-as de cor. Interessou-me mais aquela trapeira que eu descobri na rua Richelieu, a falar sôzinha. Remexia papeis com um gancho e falava — e falava uma linguagem que eu, na ansia de desvendar mistérios, julguei ter entendido. Seria ilusão minha? Pareceu-me que a mulher falava português. Dei alguns passos até mais adiante e depois, não podendo resistir a uma secreta tentação, voltei atrás e passei, sem que ela o notasse, mesmo junto do seu vulto estranho. Continuava a rosnar qualquer coisa. Não havia a menor dúvida: aquela mulher falava português.

E logo na minha imaginação se abriu uma porta secreta por onde passaram as mais inverosímeis fantasias. Quem seria aquela portuguesa? Que impetuosos ciclones da vida a teriam arrastado até Paris? Talvez fôsse alguma mulher de boa sociedade que a má sorte tivesse afundado no lodo social. Quem sabe?...

Examinei-a melhor. Ainda não era velha, como me pareceu ao primeiro golpe de vista. Era uma mulher precocemente envelhecida; não teria mais de quarenta e cinco anos, a despeito das rugas na faces e do cabelo grisalho mal penteado. Aproximei-me dela resolutamente e, em bom português, perguntei-lhe:

— O' tiazinha, você é portuguesa?

A trapeira suspendeu a sua tarefa; endireitou o busto seco, magro, e fitou em mim uns olhos cinzento-escuro, emparvecidos. Repetiu a pergunta e ela olhou-me cheia de espanto. Não percebia o idioma em que lhe falava. Tinha-me enganado. Afinal aquela mulher não era portuguesa como eu julgara. Cheguei a lamentar o meu engano. Sente-se tanta alegria quando se encontra no estrangeiro alguém da nossa terra, mesmo que êsse alguém seja uma trapeira!

— Julguei que você era portuguesa — disse-lhe eu, em francês, que ela compreendeu perfeitamente.

Um sorriso doce, amavel, transfigurou-a e, numa voz delicada, melodiosa, encantadora, que contrastava com a sua aparência rude, deu-me esta resposta que me deixou assombrado:

— Não sou portuguesa, nem francesa. Sou russa...

Coube-me a vez de quedar emparvecido a olhá-la.

Aquêl «sou russa» foi murmurado a médio e num tom de infinita tristeza, saúde, talvez, como se dissesse: «Fui russa, fui feliz, hoje sou um farrapo igual aos farrapos de que vivo.» Então compreendi a ilusão de que tinha sido vítima quando a ouvira murmurar frases entre os dentes. Era russo que ela falava, porque o russo, a distância, confunde-se no som e na cadência com o português.

Uma hora depois, em Villier, num casebre tosco e miserável que eu julgava impossível neste Paris que tanto me deslumbrara à chegada, eu escutava da boca da trapeira a história romanesca de uma autêntica princesa russa, que conhecia a vida, desde a corte imperial de Nicolau II aos caixotes de lixo parisienses onde trapeiros felizes, às vezes, pescam fortunas e onde ela, perseguida pelo infortúnio, encontra a custo com que viver misera-

(Conclui na pag. 15)



# MEMÓRIAS DE UM VELHO FOTÓGRAFO

«QUEM podia dar-lhe assunto para uma boa reportagem era... era...» E o sr. C. R. de M., que provocará, minutos antes, a nossa apresentação, afogueando-se como um colega que cometesse a primeira ousadia, concluiu, após uma pausa gaguejada: «... Era este seu creado! E o amigo que o apresentara cochichou-me ao ouvido, num segredo excitante: «O sr. C. R. de M. é o mais antigo dos fotógrafos profissionais, vivos, de Lisboa — e talvez do país... Passo horas a ouvi-lo contar histórias do seu tempo de «ateliers»...»

Observei, de esguelha, o sr. C. R. de M. — um velhote —, o prototipo do «bom-velhote», sêco, rôsto anguloso, pontegudado por uma barbicha curta alvissima; cabelos fartos, ericados, bigodeira marcial, de asas sempre retorçadas, uma epiderme curtida, blindada, opaca, pelo tom moreno e pela rijeza inverosímil; as veias em alto relevo nas mãos nervosas, nas fontes; e os olhos negros, rebrilhantes, cheios de juventude... — Calcule o senhor... Tenho 78... à beira dos 80... Hein? Ninguém o dirá, b'ê sei! Nem eu, que não me troco por muito frango de 20 anos! E desde os 16 anos que estou na arte... Se visse a coleção dos meus clichés — só aqueles que eu guardei porque evocam qualquer episódio de interesse... Vivo a dois passos daqui — na Rua do Carmo... E tenho um «Porto» velho — mais velho do que eu — que, só para o provar, vale a pena subir à minha mansarda... E ouro líquido, meu filho — ouro de lei...

Deixei-me conduzir sem grande fé nas delícias do vinho, nem no interesse dos «assuntos» prometidos. Pessimismo excessivo — que a realidade desmentiu eloquentemente... Pelo caminho, o amigo comum esclareceu-me: «C. R. de M. retirou-se dos negócios, há meia dúzia de anos, com um pecúlio amealhado...»

— Foi por volta de 1870, ou talvez antes — disse o velho —, que meu padrinho me ensinou a arte e me deixou sózinho no seu «atelier» da Rua dos Paulistas. Havia então apenas cinco ou seis fotógrafos em Lisboa — e nessa época, quando um indivíduo ou uma família tomava a resolução de se retratar, preparava-se, reflectia, marcava data, convidava amigos... Era algo de muito solene e grave — a fotografia! Olhe para este grupo... (Era um grupo classico de meados do século passado: o pai de sobrecasaca, polainas enxadrezadas, colarinhos românticos, chapéu alto encafuado até às orelhas, sentado num fauteuil de veludo. De pé, ao lado, de saia campanuda, bandô à Imperatriz Eugénia, chale de ezimira, a mãe — pousando a mão direita no ombro do esposo. Em redor, a rãchada dos filhos, desde o primogenito, fardado de aspirante, com uma pera aguda de litografia de Epinal, até à «última» — uma petiza com as calças arendadas a tafem sobre os sapatos...) Este é um dos meus primeiros trabalhos de responsabilidade... — prosseguiu o velho fotógrafo. — O pai, nada menos do que um par do reino, dr. J. da F., veio na véspera a combinar detalhes e hora... e à hora marcada, duas carruagens pararam frente ao «atelier», não só com toda a família, mas também com a creadagem. Esta vinha ajoujada com baús. Recordo-me como se fosse hoje... O primeiro que o dr. J. F. indagou é se eu tinha a «água pronta»... Sim... Uma das suas exigências da véspera é que queria uma chaleira com água quente e uma banheira. Fecharam-se no *folette* e durante mais de vinte minutos escutei o espandiar das águas. E que toda a família se quis lavar — desde o rôsto até aos pés, antes de se fotografar... Nos baús vi-

nham não só os trajos de gala com que se deviam abonocar para o retrato como também as roupas de baixo — meias, ceroulas, saias, corpetes, camisolas... Que ideia fazia aquela gente dum fotografia? Ignoro! O que sei, sim, é que se preparavam para se fotografar como os noivos se preparam para o casamento...

«Veja agora esse general... (Era um militarão fisicamente aparentado aos Saldanhas e aos Duques da Terceira, de bigodes tremendos, sobrolho franzido, o rôsto crispado numa expressão de Cambrone respondendo aos ingleses em Waterloo — fardado com um uniforme da época, o peito todo constelado de medalhas, condecorações...) Apareceu-me uma manhã, em traje civil, pedindo-me humildemente para eu escolher uma hora em que estivessemos só os dois no «atelier», sem perigo de olhares indiscretos. Voltou depois, sobraçando um embrulho. Eram a farda, a espada, as condecorações, as dragonas... Fechei a porta do estabelecimento e fotografei-o... O que mais me intrigou, picando-me de suspeitas, foi ele negar-me o nome no momento de passar o talão...»

Durante anos esse militar incógnito atormentou-me como um mistério... Só em 1890 — calcule quanto tempo depois —, quando estive no Porto de visita à família (recordo-me da data porque foi no mesmo dia em que enterraram Camilo) é que o tornei a ver, mais velho, mais magro, e olhar mais rebrilhante... Alguém que me acompanhava e a quem ele cumprimentou, distraído, revelou-me o seu segredo... «É o dr. C..., catedrático de Coimbra, Tinha, desde menino, uma paixão: a carreira militar... A família contrariou-o; desobedecendo à família, tentou entrar para a carreira, mas já então a enfermidade que devia torná-lo num paranoico impediu os médicos de o aceitarem... O desgosto perturbou profundamente as suas já abaladas faculdades mentais. Mandava fazer uniformes ao Porto e a Lisboa; fechava-se todos os dias durante umas horas, fardava-se, passeava pelo escritório, dava ordens, combinava batalhas em voz alta, estudava estratégia, declarava guerras, comandava regimentos invisíveis — e ia subindo de posto, à medida que os anos passavam; e agraciando-se com novas medalhas e condecorações, conforme os «seus feitos de guerra», desenvolvidos no mistério do seu cérebro enfermo, o tornavam digno desses prémios...» O resto — conclui eu... Um dia nomeou-se general, encomendou a farda, veio a Lisboa buscá-la — e não se esquivou à tentação de se retratar fardado, com dragonas, condecorações, divisas doiradas, etc...

O velho fotógrafo continuava a folhear os seus álbuns; e ante os meus olhos inesperadamente interessados desfilaram velhos pomposos, diplomatas, grandes damas, crianças...

— Repare neste «cliché»... Está um pouco gasto... Sim... esta dama de longos brinços pendentes, decote exagerado, brinços nus, roliços e mui brancos, cintura

(Conclui na pag. 14)



# Quem é

— Alfredo Santiago ou Karl Ficher, como quiserem chamar-lhe — prosseguiu o nosso visitante —, entrou, como eu, para a Escola Acadé-

o meu tio rico morreu. Deixou a fortuna toda a meu pai». Eram, em 1906, uns noventa contos. Pois durante esse ano faleceram, sucessivamente, de morte misteriosa e súbita, o pai e a mãe, vindo essa boa fortuna parar inteirinha às suas mãos. Não sei porquê, quando o encontrei de

NO sábado passado, poucas horas depois do jornal circular pelas ruas, o contínuo trouxe-nos este cartão de visita:



## O NEGOCIANTE DE ESQUELETOS

mica em Outubro de 1895, contava então nove anos de idade. Ora, fazendo-lhe as contas, calcula-se que tenha nascido em 1886, contando, portanto, quarenta e cinco anos. Nas aulas passava aos olhos dos professores por menino bem comportado, mas na verdade ele era o pior de todos. Era ele que incitava os condiscipulos à prática de irregularidades de toda a espécie, quem imaginava as partidas mais endiabradas e quem sabia e inventava as formas mais subtis de cabular. Era um cábula, e conseguia notas altas. Fizemos ambos o curso dos liceus até ao quinto ano — e saímos para nos empregarmos. No último ano fez ele uma partida aos seus condiscipulos que revelava já um mau carácter. Es-

luto carregado, pela mãe, e ele me contou que herdara a fortuna que passara, com intervalos de meses, das mãos do tio para as do pai, das do pai para as da mãe, e das desta para as suas, pensei na carta que ele em pequeno forjara para as famílias dos seus condiscipulos. Ele foi o único da família que não morreu...

Tinhamos quasi a certeza de que este homem nos procuraria. Paulo Simões, se os leitores não olvidaram já, era a pessoa a quem o suposto sábio Karl Ficher, de Berlim, escreveu a carta que por engano veio dar às nossas mãos e que, principiando por cometer a indiscrição de abri-la involuntariamente, acabámos por praticar o crime de publicá-la quasi integralmente no número transacto do *Reporter X*.

O cartão voltejou uns momentos nas nossas mãos, enquanto no nosso espírito uma série de perguntas perpassava. Que iria acontecer? Que resolução impeliaria Paulo Simões a procurar-nos com tanta pressa? Viria, simplesmente, reclamar a carta que lhe pertencia? Estaria na disposição de nos increpar pelo abuso que cometemos, de vessando o conteúdo melindroso — e bem melindroso! — da carta que lhe era destinada?

Sempre tivemos coragem de assumir a responsabilidade dos nossos actos. Ver-se-ia o que iria acontecer. *Alea jact est*.

— Mandé entrar — dissemos ao contínuo.

Poucos segundos depois taconearam pesadamente uns passos no gabinete contíguo, abriu-se a porta e um homem cheio, atarracado, face abolachada e bem barbeada, lábios grossos, entreabertos num sorriso, perguntou:

— Dá-me licença?

— Entre — dissemos, sêcamente.

Ele entrou e, sem mais preambulos, disse:

— Já sabe quem sou... Calcula, portanto, o que aqui me traz.

— A carta?

— Exactamente, a carta — confirmou ele — e mais alguma coisa...

«Lá vem a exigência de explicações atrás d'este mais alguma coisa», pensámos. Ele porém, adivinhando o nosso pensamento, acrescentou:

— Este mais alguma coisa não significa que esteja agastado. Pelo contrário, achei muita graça à sua reportagem. Efectivamente, esse Alfredo Santiago, que só pelo seu jornal soube que se oculta sob o pseudónimo célebre de Karl Ficher, é meu amigo... Desconhecia, porém, o seu paradeiro desde há seis anos.

Reparámos que o visitante estava de pé.

— Queira sentar-se.

Obedeceu-nos, pousou o chapéu, pediu-nos licença para fumar, enrolou um cigarro de onça e contou-nos:

— Este Alfredo Santiago foi sempre um original, um excêntrico. Com aquela carinha de rato, sempre a mesma desde a infância, ninguém dá nada por ele. Mas, na convivência, na intimidade, revela realmente uma inteligência prodigiosa, uma imaginação estupenda. Posso, a treços largos, fazer a sua biografia desde os nove anos, idade em que o encontrei na Escola Académica, onde estudamos juntos, até 1925, data em que deixei de receber notícias suas.

Afinal o homem não estava zangado. O bom humor com que nos falava, era indício de que a reportagem lhe tinha agradado, conforme ele próprio confessara. Escutámo-lo com súbito interesse sem o interromper.



Paulo Simões

távamos em vésperas de exame. Pois um dia recebemos, todos os alunos do quinto ano, uma carta com o timbre da escola, participando às nossas famílias que, em virtude de termos apresentado demasiado tarde os nossos documentos oficiais, não poderíamos ir a exame senão no ano seguinte. Foi um alvoroço para as famílias, algumas pobres, como a minha, para quem os estudos dos filhos representavam um encargo pesadíssimo. Na secretaria da Escola desfez-se a trapaga. O director afirmava não ter escrito carta alguma sobre o melindroso assunto e descobriu-se por fim que em tudo aquilo andava o dedo de Alfredo Santiago porque apenas a família dele não recebera o aviso alarmante. Gato escondido com o rabo de fóra...

«A família de Santiago, que é de origem galaica, era pobre. Apenas um tio, irmão do pai, solteirão impenitente, conseguira acumular uma fortuna razoavel. Portanto Alfredo teve, depois do quinto ano dos liceus, que sujeitar-se a um emprego modesto, como ajudante de guarda-livros numa fábrica de tecidos, em Alcantara. Santiago não se conformava com a sua situação. Encontrava-o muita vez desanimado, ruminando não sei que projectos. Um dia, teria ele uns vinte anos, deu-me, contente, uma novidade: «Sabes:

«Fez vida de estadão durante uns anos. Viajava e sempre que, de regresso a Portugal, me encontrava, fazia projectos. «Havemos de entrar num negócio — dizia-me ele. — Eu ponho o capital e tu manobras.» Umavez, falava em montar um escritório de consignações para a importação de máquinas; outras, para a exportação de produtos coloniais; outras ainda, lembrava o negócio de exportação de cortiça e conservas que ele iria colocar em Inglaterra e na Alemanha. Eu, porém, não lhe dava crédito. Tinha por ele uma certa estima, aquela estima que une pela vida fóra antigos condiscipulos, mas não confiava no seu carácter.

«Veio a Grande Guerra. E ele, que estava quasi arruinado, meteu-se a negociar, não me convidando sequer para seu empregado, pelo que me felicitei.

«O estadão redobrou. Automóveis, pandegas, amantes caras, todo o fogo de vistas que os novos ricos queimaram e que os queimou. Em 1924, falia ruidosamente. Era a grande queda, a maior da sua vida. Voltou a procurar-me mais assiduamente, lamentando a sua sorte, atribuindo à pequenez do meio lisboeta a sua falta de recursos. Pensava em emigrar. Tão depressa falava no Brasil como na Argentina, como na Alemanha. Um dia desapareceu. Meses depois recebia uma carta d'ele datada de Berlim. Estava empregado numa fábrica de louça de esmalte. Não tinha uma situação brilhante, mas vivia... Foi essa a sua última carta que veio parar às minhas mãos e que lhe posso mostrar.»

Puxou da carteira e mostrou-nos uma extensa carta. Verificámos de relance que a letra era precisamente idêntica à da carta que publicámos no nosso número passado. Era datada de 18 de Fevereiro de 1925.

— O resto da sua vida, ou melhor do que ele confessa da sua vida — disse Paulo Simões, sorrindo —, contou-me o *Reporter X*. E' realmente, fantástico como esse homem se insinuou no ânimo de Otto Sterkmann e como ele conseguiu ascender a uma posição de tão grande destaque internacional. E o que me espanta é que o sábio tivesse feito testamento em seu favor...

Calou-se Paulo Simões. Houve uma longa pausa, que o visitante aproveitou para se erguer e despedir-se.

Quando lhe entregámos a carta que lhe era dirigida e que nós, indiscretamente, abrimos, fizemos-lhe uma pergunta, a primeira e última pergunta nossa de toda aquela entrevista.

— E o sr. Simões acredita que Otto Sterkmann tivesse morrido de morte natural?

O nosso interlocutor fitou-nos, uns momentos, muito sério. Um clarão de inteligência perpassou pelos seus olhos.

Depois encolheu os ombros, apertou-nos a mão em silêncio e saiu no seu passo cauteloso e pesado de homem nutrido.

# Uma fera

## misteriosa



Numa freguesia vizinha de Viana do Castelo, surge de noite um bicho monstruoso que ataca cães, ovelhas... e crianças—Os crentes e os descrentes—Os que viram o bicho—O primeiro ataque—As formas do monstro—Recordação do cão fantasma de Barskeville—A «ménagerie» ambulante.

ANTES de iniciar a reportagem permitam-me que eu a defina com uma espécie de gráfico representativo não só do resumo da minha opinião como da colheita da opinião local, divergente, como é natural, sobretudo nos meios pequenos reboiçados por um acontecimento misterioso e alarmante. Cheguei aqui afectando ares de turista que vagabundeia ao acaso, sem mapa nem guia, ocultando de todos o meu *métier*, a minha missão, e sobretudo o nome do meu jornal. E a propósito: farta vezes premi o riso ao escutar d'êste e daquêle, mas com frequência, o seguinte desabafo: —«O Reporter X é que devia cá mandar um dos seus redactores! Isto é que era um bom assunto para o Reporter X.» E eu, mudo, fingia nada ouvir...

Logo no primeiro dia—na primeira hora—me falaram do caso, e logo duas opiniões floretearam à minha frente, num duelo azedo. Um sujeito de trufas vistosas e bigodes repuxados (disseram-me depois que era barbeiro) garantia, prosapando superioridades desdenhosas, que a «história» não passava de «cantiga», que o tal bicho fantasmagórico nunca existira, atribuindo a «lenda» a fraqueza dos espiritos, a visões, e insinuando até trapazaria no caso, pretexto para vingança ou para afastamento de testemunhas com fitos desonestos. Ao contrário, a minha hospedeira protestava contra a incredulidade do vizinho alegando que a Maria do O' não mentia e que Josefina Carrasco era uma mulher de sangue frio e que ambas tinham visto o mostrenço, os olhos falcando luzes verdes, o corpanzil, arrevezado, disforme, enorme, ondulado pelos campos à caça de presas cubiçadas, a bocarra babando-se, entre feroz e glutona... E a filha da *Gabriela*, que fôra toda mordida pela dentuça da fera? O farmacêutico, que a pensara e desinfectara, não era homem para conjurar em patranhas e êle era o primeiro a afirmar que por um pouco a miuda não fôra devorada pelo bicho...

Assisto à disputa, sem intervir. Eram nove e meia da noite. Chegara pouco antes ao local, num «auto» amavelmente cedido por um grande amigo do Reporter X que se encontra em Viana, o sr. Gonçalo Zagaia, do B. N. de A., e, como se janta cedo nesta terra, a patrão improvisara-me uma ceia. O barbeiro casquinava risadas de basôfia e encafuando as mãos nos bolsos horizontais das calças deu as boas noites e safu para ir ao cavaco não sei em casa de quem. Ceci Dormi. E logo de manhã cedo alvoroceci-me pela grita que ia na loja... Desci. Era outra vez o barbeiro, mas que metamorfose. Estava numa brancura de vigília ou de doença, os olhos pisados, todo

êle num tremor que ia das palpebras pestanudas às mãos de unhas cuidadas.

—...e foi à saída de casa de Fulano! Despedi-me de Cicrano e de Beltrano e como, graças a Deus, já meu pai não era homem de sustos, não hesitei em pôr pés ao caminho de casa, sôzinho mais a bengalita, aquela que o primo me trouxe de África. Ao atravessar ao Rudelo tive a impressão de que havia duas luzes, assim como dois lampeões verdes, a meio do campo. Estranhei, mas não me amedrontei. Qual não foi o meu pasmo ao vêr que as luzes avançavam para mim... Se fôsse carro, havia de escutar o ruído das rodas e da bêsta... Mas não! Só muito próximo ouvi como que um fole trabalhando com furia... Depois, quando as tais luzes ver-



Gabriela Tarquinio e sua filha

des entraram na toalha do luar é que eu vi... Virgem Santissima! Vi o que nunca tinha visto... O que foi? O que havia de ser! O bicho... E' grande, muito maior do que um cão... Quasi como um asno... mas baixo, e anda aos sacões como se fôsse um coelho. Pula, resfolga pelo nariz que até parece um agonizante... E' negro, tem escamas—sim, escamas—que brotam claridades... E que dentes! São muitos, todos em bico, e muito brancos, tão brancos que mesmo banhados de luar alvejavam...»

Todos o escutavam, arquejantes, como se uma ameaça de morte lhes toldasse as vidas. Todos, menos a patrão, que de braços anforados e agitando, retilona, a cabeça, quis saber se o vizinho ainda teimava na troça que fizera à Maria do O', à Josefina e mais ao sr. boticário que tratara da filha da *Gabriela*... E o vizinho, cabisbaixo, concordou: «Agora sim, porque vi, vi com êstes que a terra há-de comer, e antes não tivesse visto!»

Este episódio é a síntese da reportagem. Repetiu-se dezenas de vezes, nas 48 horas que permaneci aqui... Há convencidos, calmos; há convencidos alucinados que exageram; há desdenhosos que depois batem no peito o «mea culpa» e outros que insistem na sua descrença... porque não viram. Quem é que tem razão?

Quando recebi no Porto o telegrama do «Reporter X»—decretando a minha partida imediata para Santa Marta (freguesia próxima de Viana)—ignorava o enigma que o meu chefe de

redacção pretendia que eu decifrasse. Em Viana absorvi as primeiras notícias sobre o mistério. A' chegada, e na manhã seguinte deram-se as duas scenas do prólogo que reproduzi. Depois sirandei, provoqueei palestras, confidencias, desabafo. Eis o que conclui:

—O bicho apareceu, pela primeira vez, vai para duas semanas. Um proprietário que é caçador e que possui a mais valiosa colecção de cães da redondeza alarmou-se, ao meio da noite, pelo ladrar furioso dos animais. Julgando tratar-se de assalto de larápios, pulou da cama, pegou no fuzil, despertou a creadagem e foi vêr o que se passava. Encontrou uma das suas melhores cadelas a expirar e duas perdigueiras vermelhas de sangue, todas mordidas. Um dos servicais, que fôra bater o terreno, deu alarme e todos viram, fugindo numa vertigem, um animal esguio mas longo, do tamanho dum gerico, que parecia faulhar luzes verdes dos olhos. Na madrugada seguinte fôram vítimas as ovelhas de outro lavrador—e o guarda jura que viu um bicho igual a fugir. A tal Maria do O' fôra ver a nora, que está de parto, e à volta foi surpreendida pelo bicho—tão perto que lhe roçou pelas saias... Diz ela que se preparou para abocá-la quando os gritos que soitou atraíram à estrada vizinhos com varapaus e caçadeiras—e o bicho debandou... Outras mulheres juram ter tido o mesmo encontro—alastrando-se tal pânico que, ao toque das Ave-Marias, a gente medrosa recolhe a casa e já não sai. As vendas de vinho estão desertas. Rara é a noite que não se queixam de assaltos aos cães, às ovelhas, aos porcos, aos galinacos... Mas os animais não falam e não podem dizer quem é que os agrediu—dá a troça de alguns. Mas do que não há dúvida é que uma criança, de cinco para seis anos, filha de Manuel Tarquinio e Gabriela Tarquinio, tendo saído de casa de noite por causa de uma burra, desatou num berreiro aflitivo—e quando se abeiraram dela estava toda mordida, com pedaços de carne dos braços arrancada, a cabeça ensanguentada, informando, entre choros, que fôra o bicho...—tal como todos o descrevem—que a atacara. Vários homens insuspeitos apregoam que viram o monstro. Que quer que eu, depois disto, lhe diga?»



Maria do O'

De facto, não podia exigir mais do meu informador—um espírito moderno, culto, e difícil de suggestionar com infantilidades...

Recordam-se do «cão fantasma» de Barskeville—o episódio mais popular das aventuras de Sherlock Holmes—que Conan Doyle idealizou faulhando luzes, apavorando a população da terra—ocultando uma conjura de cubiçosos de uma herança? Recordam-se do búfalo-luminoso, que deixava um traço arco-irresca atrás de si, que tanto alvorocou as gentes de Texas, em 1909?

(Conclui na pag. 15)

# OS VAMPIROS...



**P**ETER Kürten, o vampiro de Dusseldorf, vai ser executado em breve. O júri que o condenou desejava que ele tivesse nove vidas para com elas indemnizar a sociedade de nove existências, quasi todas frescas, juvenis e prometedoras, que lhe furtou cruelmente.

Quem olhasse aquêle homem, de tão normal aparência — meia esta-

tura, um pouco cambado, loiro, rosto avermelhado e flácido, olhos pequenos, azuis-claros — decerto não adivinharia que aquêle banal enólucro ocultava uma consciéncia perfeita de bandido.

Algumas poucas frases por ele proferidas com firmeza, com extraordinária serenidade, perante o tribunal que o condenou, reflectem a sua alma com a mesma exactidão com que um limpido espelho de cristal poderia reflectir o seu rosto.

«Sentia necessidade de sangue. Tinha necessidade de matar. Sentia isso tanto em relação a um animal como a um homem, uma mulher ou uma criança. Quanto mais as minhas vítimas gritavam, quanto mais sangue deitavam, mais eu me excitava sem poder resistir a continuar.»

Sob o enganador aspecto de um homem escondia-se a alma dum tigre.

«Peguei fogo às propriedades dos camponeses — confessava ele, quasi com orgulho — porque me divertia o crepitar das chamas e o estalar dos grãos de trigo.»

E' barbaro! E' quasi inverosímil, mas, infelizmente para a espécie humana, era um homem, com cérebro e coração, que assim pensava e procedia.

Mas que estranha psicologia era aquela que, ao mesmo tempo que assim pensava e procedia, tinha bem nítida a consciéncia do bem e do mal?! Ele sabia o que era o crime e não podia resistir a praticá-lo. Havia no seu coração uma corda sensível que, no entanto, parava de vibrar quando uma voz satânica comandava imperiosamente a ordem de mal fazer! Era este

mesmo homem, sedento de sangue, que, nas horas calmas, lia religiosamente a Biblia. E a palavra de Deus não tinha poder sobre os seus maus instintos...

Os peritos que o examinaram meticulosamente concluíram que ele era um anormal, mas lúcido, conscio dos seus actos. Era um homem que gozava com o sofrimento alheio como os



Interior de um casebre onde Vacher matou uma pastora

seres normais gozam com o amor. Seria talvez uma sexualidade transviada, uma perigosa aberração sexual.

Assassinou nove pessoas no curto espaço de alguns meses, raparigas na sua maioria. Depois de lhes roubar a honra, tirava-lhes a vida.

Um dia penetra numa casa de campo para roubar. Depara inesperadamente com uma rapariga de dezassete anos. Acorda nêle o vampiro, o assassino — e, babado de gozo, estrangula-a. O mesmo succedeu, de outra vez, com uma criança de dez a doze anos. Já não pensou em roubar. A' conveniência material do furto sobrepos-se, férrea e imperiosa, a necessidade de matar, de aniquilar uma vida, de sentir nas suas garras o estrebuchar da moribunda seguêdo da misteriosa e horrível imobilidade da morte.

E como um carro destravado num declive, os crimes desta natureza, como um vício repente que se apossasse do seu organismo, vão se tornando uma necessidade cada vez mais instantânea, uma necessidade de todos os dias, de todas as horas, que o obriga a percorrer, desvaído, Dusseldorf e arredores, como um animal sequioso em busca de uma fonte que lhe refresque a goela.

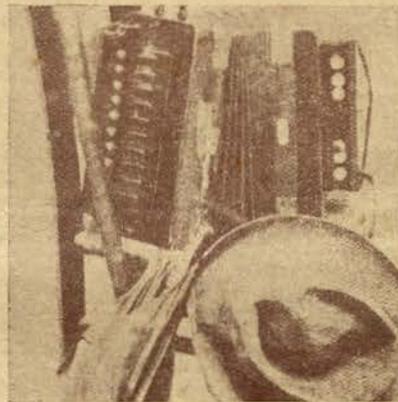
E' o vampiro insaciável à solta; é o cataclismo inevitável que cai sobre as vítimas desprevidas e as abate.

Duas crianças de seis a oito anos estão ao alcance de suas mãos; depois de as violar, degola-as. Trava conhecimento com uma rapariga honesta, capta-lhe a confiança, leva-a a passear e mata-a com uma tesoura. Há outras vítimas, mortas à martelada. O prazer de esmagar crânios? Se os seres humanos lhe escapam, vinga-se nas coisas insensíveis. Incendia. E o clarão do fogo acaricia-lhe suavemente a alma depravada.

E a successão destes crimes, que ninguém sabe de onde partem, faz desvaíar a população de Dusseldorf e intriga a polícia, que emprega em vão os máximos esforços por descobrir o criminoso. Este, da sombra — ri. Escreve cartas anónimas à polícia, indicando os locais onde

enterrou as suas vítimas. Mobilizam-se 300 videntes para adivinharem onde está o assassino. Mas as pessoas de dupla visão vêem menos do que as que possuem uma só; nada descobrem. Põem-se em acção 200 grafólogos que examinam a letra das cartas anónimas que o bandido envia à polícia — e os grafólogos falham. Vêm ge todo o mundo detectives que farejam 12.000 pistas diferentes — e nada, absolutamente nada se descobre.

Foi preciso que esse homem-féra, a quem a dor humana não comovia, para quem o sangue era tão necessário à sua alma como alimento para o estomago; foi preciso que um dia essa pedra que era o seu coração aquecesse um pouco num momento de generosidade e perdoasse a uma vítima que lhe caíra nas mãos — para que essa vítima o perdesse. Ele violara uma raparigueta, Maria Butlies, e pela primeira vez não matou aquela em quem cevara os seus instintos brutais. Deixou-a escapar. E foi ela quem depois o apontou à polícia. Ah! como a



Vários objectos de Vacher, o vampiro vagabundo. O harmonium é o despojo de um assassinado

fera hoje deve estar arrependida de ter sido humana um minuto na sua vida! Esse minuto vai pagá-lo agora com a cabeça.

## O vampiro elegante

Esta aberração, que acaba de fazer estremecer de horror o mundo inteiro, infelizmente, não é impar no nosso tempo. Estes criminosos natos, estas excepções horríveis, aparecem de quando em quando entre a humanidade. Esta lúcida loucura sexual que exige ao tarado a morte daquelas a quem parece amar adquiriu a sua culminância num temperamento de homem educado e, por isso mesmo, infinitamente mais perigoso para a sociedade. O seu nome quedou no ouvido de toda a gente e as suas atitudes de personagem de melodrama empolgante ainda não se apagaram da nossa retina assombrada. Todos se recordam do célebre Landru — o vampiro elegante, requintado, quasi fidalgo.

Landru preparava em torno de cada vítima um verdadeiro romance de amor. Arranjava um nome suposto, alugava casas de campo, em sítios isolados, cercadas de jardins silenciosos, paradisíacos recintos para onde levava mulheres fascinadas pela sua inteligência, pelo brilho da sua palavra insinuante. Durante dias, meses, embalava-as numa vida deliciosa, cultivava em seus corações a flora magnífica do amor, numa lua de mel incomparável. E, de súbito, uma noite, quando elas, de sorriso venturoso nos lá-



Landru

bios, dormiam a seu lado, no mesmo leito nupcial, sonhando coisas deliciosas — matava-as. Depois reduzia-as a cinzas em grandes fogões, cujas fornalhas alimentadas a *coke* funcionavam até que das vítimas não restasse senão a grata recordação de algumas noites de prazer.

Landru era o vampiro artista. Premeditava os seus crimes a frio, com uma larga visão do prazer que deles havia de tirar. De que requintes ele cercou aquela pobre Madame Guillin, uma viúva que o adorava, que sonhava viver o resto da sua vida nos braços daquele homem que soubera conquistar-lhe o coração!

Ele prometera ir buscá-la a Paris e levá-la para a sua propriedade de Vermouillet. Era uma casa de campo onde se via morrer a tarde docemente. Madame Guillin aguardava-o, ansiosa. Ele apareceu um pouco mais tarde do que a hora combinada, fazendo estacar à porta uma «camionette» esquisita, meio automóvel de passeio, meio carro de transporte de mercadorias. Madame Guillin desceu alvorçada para vir ao encontro do amante, que ela julgava chamar-se Enfilio Petit, e ser engenheiro (ele gostava muito de fazer passar-se por engenheiro).

A porteira notou que a sua inquilina ia radiantemente — e invejou-a.

— Quem me dera estar no seu lugar! — disse ela.

Se ela soubesse que assim, contente, a sua locatária caminhava simplesmente para a morte!

Durante alguns dias Landru e Madame Guillin passaram no seu esconderijo de Vermouillet uma existência discreta de noivos em plena lua de mel. Madame Guillin, que era uma ótima cozinheira, gastava os dias a preparar maravilhosos petiscos para o seu adorador. Não saíam de casa. Deitavam-se cedo, levantavam-se tarde, sempre nos braços um do outro. Até que uma noite Madame Guillin deixou de existir...

Na noite seguinte a «camionette» de Landru enveredou por um caminho êrmo através do bosque, transportando o cadáver da pobre iludida. Um charco enguliu-o para sempre.

Landru mudou-se tranquilamente, sem ser incomodado, sem que lhe seguissem a pista. Já outra vítima que há muito tempo ele vinha namorando ia tomar o lugar de Madame Guillin.

Era Madame Héon, uma matrona de 50 anos, que se desfez da sua casa para ir viver com o vampiro na Avenue des Ternes, 45, Paris. A pobre mulher julgava ter encontrado a sua felicidade. Ele, passando sempre por engenheiro, dizia-lhe que casaria com ela e a levaria para a Tunísia.

Antes da viagem, porém, iriam repousar uns dias na sua propriedade de Gambais. E a pobre Madame Héon teve em Gambais a sorte que esperou Madame Guillin em Vermouillet. Uma noite — passou do sono delicioso para o sono eterno.

Na cozinha uma enorme fornalha e trezentos quilos de carvão, comprados na véspera, esperavam o corpo da desgraçada.

E como estas duas vítimas, quantas atraídas pelo amor de Landru, como fracas animais pelo olhar fascinador da serpente, fôram arremessadas para o abismo da morte?

Para remate da sua vida de crápula elegante, esse homem defendeu-se, em pleno tribunal,

com uma argúcia e um brilho desconcertantes, que causariam inveja a muitos dos melhores advogados. Pôs tanto empenho em defender a cabeça ameaçada pela guilhotina como em fazer desaparecer as suas amadas. Mas os homens da Justiça, embora dominados da eloquência, do espírito e da graça do criminoso, não estavam dispostos a absolvê-lo. A guilhotina trabalhou. Landru é hoje apenas um fantasma que ainda causa arrepios.

### O vampiro dos oitenta assassinios

O vampiro que bateu o *record* da hediondez, o que transforma em pimeus o amoroso Landru e o desvairado Kürten, aquele que pode considerar-se o rei dos vampiros europeus, é Vacher, o terrível vagabundo, que viveu e morreu em França nos fins do século passado. No curto espaço de meses assassinou oitenta pessoas.

Joseph Vacher nasceu em Beaufort (Izère) em 16 de Novembro de 1869. Ele era o décimo quinto de dezasseis filhos — dezasseis irmãos. Aos dez anos revelou os seus instintos pretendendo assassinar um dos seus irmãos, por um motivo fútil. Alarmados, os pais, em vez de confiá-lo a um médico, fizeram-no absorver tisanas preparadas por mulheres de virtude. Isolaram-no, manietaram-no, transformaram-no numa criança melancólica e reservada. Aos dezasseis anos julgaram descobrir-lhe tendências místicas e internaram-no num seminário. Mas os padres não descansaram enquanto dele não se desfizeram. Era um ente perigoso. Vacher regressa aos campos e tenta violar uma rapariga de doze anos.

Pouco depois, na região onde trabalha, aparecem três homens assassinados. Desconfia-se de toda a gente menos dele. E começa a série. Uma mulher degolada, uma jovem de 14 anos assassinada nas mesmas condições; uma pastora estrangulada.

Já então Joseph Vacher confessava:

— Em determinados momentos não me importa de matar.

Mas ninguém o supõe autor dos crimes misteriosos.

Vacher alista-se no 60.º regimento. Galga ao posto de sargento. Mas os superiores trazem-no debaixo de olho: ele é colérico, violento para com os soldados, ameaçando-os de morte.

Consegue sair do regimento com a caderneta militar limpa. Quêere casar com uma rapariga e, como a família se opõe, dispara contra a noiva dois tiros de espingarda e tenta suicidar-se. Os dois feridos escapam e Vacher é internado num hospital de alienados.

Ignora-se que ele anteriormente cometera vários assassinios. Os médicos, enganados por promessas de regeneração, dão-no por curado e deixam-no em liberdade.

Vacher vagabundeia pela França, levando consigo a sua caderneta militar em regra, e por onde passa viola, mata, estrangula. Espalha-se o terror pelas proximidades de Lyon. E não desconfiam dele. Ninguém lhe escapa, nem velhos, nem mulheres nem crianças. Há nos seus processos uma grande semelhança com os do vampiro de Dusseldorf.

Em Chateaudouble, mata dois velhos, marido e mulher, ambos de 71 anos, e rouba-lhes seiscentos francos. Dirige-se para Dijon. Quási ao mesmo tempo encontram o cadáver de Augustine Mortureux, violentada. Como de costume não desconfiam dele. A polícia desorientada prende inocentes, que sofrem culpas que não lhes pertencem. Vacher, o vagabundo, prossegue a sua rota sinistra, deixando um rastro sangrento, o caminho semeado de cadáveres. Não chegariam todas as páginas deste número para



Joseph Vacher, saindo da prisão para ir responder

descrever minuciosamente cada crime praticado pela fera humana. Ele grita: «Tenho necessidade de sangue!». Mas ninguém repara que é ele o vampiro; todos estão cegos, todos procuram o assassino onde ele não está.

E' preso um dia por atentado contra a moral, e condenam-no a três meses de cadeia. Mas ele, como Peter Kürten, tinha o orgulho dos seus crimes, e, na cadeia, sente um estranho prazer em confessá-los. Depois de preso ainda tentou assassinar o juiz instrutor do processo com uma faca que conseguira esconder.

Teve a mesma sorte de Landru, este vampiro insaciável, irmão na hediondez de Jack, o estripador, e de Peter Kürten. Morreu em 31 de Outubro de 1898, gritando:

— Eis a vítima da falta de asilos!...

### A Rainha da Selva

Para remate desta evocação de sinistros entes que, por felicidade, constituem raras excepções da espécie humana; para fechar o desfile sombrio dos Joseph Vacher, dos Jack, o estripador, dos Landru, dos Peter Kürten, fica bem aqui — em lugar de merecido destaque — a maior vampira até hoje conhecida que viveu e morreu na Índia dos nossos dias e que a voz do povo já

(Conclui na pag. 14)



Dr. Wehner, advogado defensor de Peter Kürten

# ...INXACIAVEIS



COM que emoção e surpresa nós liamos, em crianças, as descrições maravilhosas que Julio Verne fazia do fundo do mar! *Aquelas vinte mil léguas submarinas* que o próprio escritor francês — o escritor-advinhão — não percorreria senão em fantasia fizemo-las nós, de coração palpitante, através de algumas dezenas de páginas, sofrendo as mesmas ansiedades, contemplando as mesmas paisagens fantasmagóricas que as personagens do grande submarino — o *Nautilus* — viram e para quem a lendária Atlântida não tinha segredos. Horas seguidas, a uma banca da Biblioteca, devorámos quasi de um fôlego as descrições, que por base apenas tinham hipóteses científicas, dos passeios que os tripulantes do *Nautilus*, munidos de escafandros aperfeiçoados até ao inverosímil, davam sob as águas do mar; das caçadas que faziam com espingardas especiais, muito potentes, para vencerem a pressão das águas, e da flora magnífica, paradisíaca, e da fauna infernal, dantesca, formada de estranhos monstros marinhos, que se deparava ante os seus olhos assombrados.

Quando há dias conhecemos, a bordo do *Patrão Lopes*, o mergulhador português mais hábil, que dá pelo nome vulgar de Joaquim Sabino, não pudemos deixar de evocar todas essas leituras de infância, e pareceu-nos adivinhar nos olhos leais desse homem intrépido o reflexo das mesmas paisagens maravilhosas, dos mesmos espectáculos deslumbradores que nos parecia que só a personagens fantásticas como as de Julio Verne seria dado contemplar.

No tempo em que Julio Verne escreveu ainda não era possível descer-se ao fundo do mar senão em fantasia, em romance; hoje, essa viagem quasi inverosímil é feita cotidianamente por muitas dezenas de homens em todo o mundo. Os mergulhadores do nosso tempo podem agora, até certo ponto, corrigir o que a fantasia do escritor teria inventado de excessivo e confirmar o que ela teve de visão exacta da realidade.

### Heróis obscuros

Foi a bordo do *Patrão Lopes*, o nosso navio de salvação, que travámos conhecimento com o sr. Joaquim Sabino, mergulhador civil contratado por aquele navio, o homem que mais vezes tem mergulhado em Portugal — tantas que já lhe perdeu a conta há muito tempo. Antes, porém, de escutar o sr. Joaquim Sabino, dediquemos um pouco de atenção ao navio onde trabalha, esse pobre *Patrão Lopes* tão heroico e modesto como o velho lobo do mar que lhe deu o nome.

Quando o temporal rugiu no alto mar, varrendo na sua fúria devastadora a superfície irrequieta das águas; quando os grandes transatlânticos ballam como cascas de nozes ao sabor das vagas gigantescas e o *S. O. S.* afflitivo corta muda e sinistramente os espaços; quando toda a navegação procura ansiosa um porto de abrigo, quando todos fogem do oceano — é quando o *Patrão Lopes*, indiferente ao perigo, sai a Barra e se aventura pelo alto mar inavergel. A sua tripu-

lação não faz alarde de heroísmo, caminha serenamente para o abismo de onde todos fogem, cumpre o seu dever salvando a vida e os haveres alheios e, quando o tempo amaina e a bonança esparge sobre as águas esmeraldinas do Atlântico a luz dourada do sol, quando o mar é tapete de veludo verde sobre o qual apetece errar ao acaso, o *Patrão Lopes* regressa ao Tejo, onde aguarda tranquilamente que o perigo e a morte o tornem a chamar.

A bordo recebe-se uma noticia sintética e terrível: «Está um navio em perigo no alto-mar».

Da ponte, o comandante — o capitão-tenente sr. Fernando Amor Monteiro de Barros — grita uma ordem:

— Arreia a baleeira!...

A fragil embarcação desce rente ao navio e vai pousar sobre as águas do Tejo. Impulsionada por quatro remadores vigorosos, aproxima-se da boia flutuante, num equilíbrio difícil, e desprende a corrente do *Patrão Lopes*.

Cinco minutos depois o navio está em marcha em direcção à Barra, entra no oceano, balança terrivelmente na grossa vaga. Horas mais tarde o barco encalhado está à vista; mete água assustadoramente. O mar agitado impede a aproximação. Mas há vidas a salvar. O *Patrão Lopes* manobra de forma a colocar-se a par do barco sinistrado. A pópa foi colocado um pequeno canhão que é carregado com uma bala de chumbo ao qual se prende uma corda fina. O tiro parte mas a violência do disparo faz com que se quebre a corda e a bala perde-se no espaço. Imediatamente, como por encanto, prepara-se um fogueiro a que se lança fogo, o qual, numa curva elegante, passa sobre o navio encalhado deixando cair a bordo a corda com que se estabelece o vai-vem. Pouco depois, instalados nas «calças-sacos», passam sucessivamente sobre o mar agitado os naufragos que se acolhem no seio carinhoso do navio-salvação.

### Um momento emocionante

Amainou o temporal. E' chegado o momento do mergulhador entrar em acção. O *Patrão Lopes* aproxima-se do barco encalhado e verifica que há um rombo no fundo. Arreia-se uma lancha que leva o mergulhador. Tem este já vestido um grosso fato de «guta-percha» e calçadas grandes botas com solas de chumbo. Nas costas e ao peito são-lhe colocadas duas grandes medalhas de chumbo — a sua Torre e Espada, que por ser de metal pobre não deixa de ser honrosa. Pesa quinze quilos cada medalha daquelas. O mergulhador coloca-se fóra da borda sobre uma escada de ferro que toca a água. Enfiam-lhe na cabeça um capacete pesado que tem duas vigias de vidro, munido de um telefone com que comunica com o comandante, que, de auscultadores nos ouvidos, vai dirigindo as manobras. Accionada por duas manivelas, a bomba de ar começa a funcionar.

E' o momento culminante. O mergulhador desprende-se da embarcação; fica uns momentos a boiar a grande cabeçorra de ferro e vidro. Ergue um braço, num último adeus, e como que engulido por um alçapão de mágica some-se no fundo do mar, deixando ao de cima, uns instantes, um discreto borbulhar de espuma.

Que se passará lá em baixo, no fundo misterioso? Decorrem os minutos, longos, estirados como séculos. Que haverá lá em baixo?...

Movendo-se no seio das águas como um monstro marinho, o mergulhador procura o fundo da embarcação sinistrada. Palpa, pesquisa, verifica que existe um rombo. E tudo isto se passa

sem que nós, ao ar livre, dêmos por tal; nem um ruído, nem uma palavra sobem à tona de água. Tudo decorre em silêncio pesado e asfixiante. Duas, três vezes vem o mergulhador à superfície e leva um martelo eléctrico, leva uma chapa de ferro; demora-se uns minutos, por fim regressa e fica. Despem-lhe o pesado fato que pesa à brincadeira de setenta e cinco quilos. O rombo está tapado — e salvo o navio.

E enquanto as potentíssimas bombas do *Patrão Lopes* esgotam os porões do barco naufragado e a água cai ao mar em catadupas alvas, espargindo na atmosfera uma poeira prateada, Joaquim Sabino conversa connosco.

Quando lhe perguntamos quantas vezes teria mergulhado, encolheu os ombros atleticos e, sorrindo, murmurou:

— Sei lá...

E elucidou-nos:

— Olhe, há nove anos que tenho esta profissão. Estive primeiro na Exploração do Porto de Lisboa, onde mergulhei uns seguidos, de dia e de noite, e agora estou aqui, onde mergulho quando é preciso.

Depois conta que já inúmeras vezes tem visto a morte de perto. Uma vez, na construção de uma muralha, desabou-lhe em cima uma trincheira. Esteve duas horas soterrado até que, depois de muitos esforços, conseguiu escapar. De cima continuavam a fornecer-lhe ar, quasi sem esperança de que se salvasse. Há pouco tempo andava arrancando umas chapas de ferro ao costado de um navio naufragado, quando de repente sentiu que a água lhe entrava no fato. Procurou o rasgão às apalpadelas, premiu-o como pôde e avisou o comandante pelo telefone. Estava a vinte braças de profundidade, não podendo, portanto, subir rapidamente porque a variedade de pressões atmosféricas podia matá-lo. Subiu lentamente, sentindo a água penetrar-lhe no fato aos poucos. E como estes episódios tem muitos que nunca mais se acabariam de contar.

— E como é o fundo do mar?

Perpassou pelos olhos de Joaquim Sabino um clarão de deslumbramento. No Tejo a água é barrenta e nada se distingue. No alto mar, porém, há espectáculos maravilhosos. Nunca se esquecerá de uma descida que fez junto das Berlengas. A água muito límpida era como um vidro transparente. Estava no fundo de uma cova enorme, banhada de luz suave, como a de um luar intensissimo. A' volta, em anfiteatro, em circulo, como as bancadas de uma enorme praça de touros, havia tufos de plantas aquáticas, estáticas, cheias de flores maravilhosas.

Uma vez, perto de Setúbal, em Troia, mergulhou e descobriu com espanto que caminhava sobre uma povoação. Disseram-lhe depois que era uma cidade romana, muito antiga. Conseguiu trazer à tona uma espécie de pote, de formas harmoniosas, que os marinheiros depois, desconhecendo-lhe o valor, fizeram em pedaços.

Que espectáculos admiráveis aquêle homem tem contemplado! Como invejamos as suas viagens submarinas! Se elas se pudessem fazer sem correr o risco de se ser manietado pelos tentáculos dos polvos, como já lhe aconteceu um dia!...

IDÍLIO FERREIRA

## PRECALÇOS JORNALISTICOS

Quando Jean Lasserre, nosso camarada da imprensa parisiense, nos visitou, há algumas semanas, cedemos-lhe várias fotografias de assuntos portugueses, que elle se apressou a remeter para o arquivo do *Detective* de Paris, de que era enviado especial. Entre essas «fotos» fa uma tirada há meses no Barredo, bairro antigo e populoso do Porto, que representava um bruxo fazendo as suas preces satánicas. Como a fotografia fôsse suggestiva, o *Detective* apressou-se a publicá-la precisamente na mesma semana — a transacta — em que nós a inseríamos na capa do nosso semanário para illustrar uma reportagem sobre o bruxo do Barredo. Precalços do nosso colega parisiense... que fez passar o bruxo português por bruxo francês.

— «**B**LASCO Ibañez — permita-me que lhe apresente um *jocoso periodista* português...»

Foi em Barcelona — quando Barcelona atingira a culminância apoteótica do seu grande folhetim. Blasco Ibañez, o romancista-magnético, depois de pausar um período de esfolante luta pelo gancho-diário, descautelado das suas pompas e grandezas, regressara à Fortuna, graças a *Los cuatro Ginetes del Apocalipse*. Só dos Estados-Unidos enviavam-lhe, todos os meses, cheques de milhares de *dollars*. Descera do seu quarto andar da Rua Clichy para um palacete vizinho do *Bois*. Pela primeira vez, após uma longa ausência, visitava a Pátria — desembarcando em Barcelona. A sua campanha aliadófila incendiaria infernos de ódio contra ele... Os comissários de polícia tinham ido a bordo do «Roma», que o trazia de Marselha, aconselhando-o a não desembarcar — porque no cais amassara-se uma multidão de germanófilos, de jaimitas, de espíões a soldo dos Impérios Centrais, dispostos todos a agredi-lo, a linchá-lo...

Foi nessa pessima altura que o meu camarada Francisco Madrid me apresentou. Solicitei-lhe uma entrevista... Não era o momento — explicou, sorrindo. Mas que fosse visitá-lo logo, ao Hotel Colon... Despedi-me. Ele saiu à minha frente. Mal o seu rosto valenciano, levantino, corado, forte, redondo, altivo, desafiador surgiu no cais, de todos os lados reboaram «morras» e insultos. Ele, corando mais, mas sem se apressar, desembolsou uma pistola e, empunhando-a, abriu caminho entre a multidão adversária, trepou para o «auto» que o esperava e escapado, de pé, dentro do carro, abarcou, num olhar de desafio, toda aquela gente, que não ousou aproximar-se-lhe...

A noite procurei-o no Hotel Colon. Estava cercado de literatos, de jornalistas, de admiradores... Alguém propôs um passeio. A sala do hotel escaldava. Estávamos em Agosto... Fomos de «taxi» até ao fúncular e no fúncular nos guindámos até Tibidabo. Tibidabo é uma colina explorada por vários «Lunas-Parks», «magic-city», montanhas russas, grutas misteriosas, comboios aéreos, rodas mágicas, «cabarets», cafés-concertos, hotéis — umas terras de alegria. Num dos extremos da rotunda, a montanha abre como que um camarote aéreo sobre a capital catalã. E Blasco Ibañez, estendendo as manúpias plebeias sobre o cenário feérico da Barcelona nocturna, toda ela a arder num clarão, como Roma que uma dinastia eterna de Neros civilizados tivesse incendiado electricamente — exclamou:

«Barcelona es bona...»

Seja por fado da terra, seja por temperamento da raça, seja por outro segredo qualquer — a verdade é que Barcelona é uma zona predestinada ao romance real. Através dos séculos, através da história, através das gerações, a batalha cheia de imprevistos e de heroísmos, de tragédias, de beleza e de comoção, entrecalha os homens criando páginas que nem as imaginativas mais fertes inventaram ainda. Durante a guerra, essa predestinação alcançou o paradoxismo...

A burguesia, trabalhadora e rica de iniciativas, sem dúvida, mas ambiciosa, viu no conflito europeu, em contraste com a sua neutralidade, o trampolim para fortunas nababescas... Alemães, austriacos, turcos e bulgaros, de um lado, os aliados do outro, enviavam emissários com pirâmides de encomendas... Sapateiros remendões de ontem viram-se fregolizados, da aurora ao poente, em grandes industriais. As fabricas nasciam de alçapões misteriosos. A floresta de chaminés adensou-se, multiplicou-se, como as arvores tropicais, em terras vírgens, ao longo dos séculos se coagulava, muralhando os caminhos. O dinheiro desabava do céu, em catadupas de ouro.

Ninguém comia em casa — embora construissem palacetes. Os círculos, os *clubs*, inauguravam-se todos os dias. Os *restaurants* transbordavam gente. As rólhas do *Champagne* estala-

vam desde a sôpa a todas as refeições. Os «autos» e os *coups* substituíam os *travélias*. As 24 horas do dia não chegavam para ganhar toda a riqueza que se lhes oferecia, nem para a gastar. Por isso se reduzia a metade o sono e o repouso. À 4 da manhã a vida, os «autos», o esplendor das lojas abertas, o movimento das ruas era o mesmo das 4 da tarde. Só o «Paralelo» tinha 250 casas de distração — *cabarets*, *music-halls*, cafés-concertos, cinemas, tavolagens, teatros, circos, *restaurants* exóticos, lupanares apalaçados... O operariado assistia às orgias contínuas dos patrões e também quis aproveitar aquele milagre... Os patrões resistiam às suas exigências. Fundaram-se sindicatos... Eram quasi 300.000 os trabalhadores sindicalizados — pagando uma peseta por semana — ou seja 1.200.000 a 1.500.000 pesetas mensais. O dinheiro é um iman de tudo! Vieram os aventureiros, usurpadores das iniciativas proletárias... Vieram os fugidos de todas as nações em guerra... Vieram os mais suspeitosos levantinos... Príncipes e «cocottes», aventureiros e «escrocs», turcos e egípcios, russos e «apaches» parisienses — todos corriam para Barcelona, sofregos de prazeres e de dinheiro... Ao mesmo tempo os países beligerantes faziam de Barcelona o maior centro de espionagem. Espias aliados e espias alemães entrechocavam-se em duelo mudo, sombrio, assassinando-se mutuamente.

Atrás dos espias vieram os «detectives» de contra-espionagem de ambos os lados: executores, carrascos, matando também, alastrando o rio de sangue que segregava de toda a parte... Os *pistoleros*, exército de verdugos, dos sindicatos, picavam de balas os patrões recalcitrantes e os operários amarelos. Por sua vez os patrões criaram a sua polícia para matar os assassinos... Por cada patrão que caía, caem 4 operários — diziam os burgueses. Por cada operário que foi fuzilado, caíram 4 patrões — juravam os proletários... Fechavam-se os dias com uma, duas, três dúzias de cadáveres — patrões, operários, polícias, espias... Volta e meia escutava-se uma detonação. Mais um, segredava-se. Havia correrias... No ângulo soturno de uma rua deserta jazia um corpo humano num charco de sangue... E a orgia, à margem da tragédia, continuava, ruidosa, cheia de vícios, de morfina, de ópius, de cocainas, de amores folhetinescos... E simultaneamente à orgia e ao crime, fundam-se grandes empresas de espionagem, como a do barão Talbalk, que tão depressa prestava serviços aos alemães como aos ingleses e por cujos gabi-

netes de portas falsas desfilavam centenas de máscaras e de consciências. E para cúmulo, a própria polícia, os comissários mais graduados, se degladiavam, porque uns actuavam sobornados pelos marechais alemães e outros pelos chefes ocultos dos aliados...

Era este o grande romance que Blasco Ibañez «via», do alto de Tibidabo...

### A ridícula estranheza causada pela atitude catalã

O povo catalão parece esculpido em granito tal a sua força física, a força do seu carácter, da sua energia, da sua teima. Mas a grande força dessa força reside em que, simultaneamente aos seus recursos materiais, um sônhio, um sônhio de alma e cérebro o ilumina e o guia. O povo catalão ama-se, cultiva-se, tem a consciência e o orgulho dos seus valores. O seu idioma é dos mais antigos da península e mesmo da Europa. Mas por fatalidade histórica, desde a juventude, precisamente quando chegava à idade em que melhor sabe a independência, perdeu a liberdade. Conjuraram-se muitos povos fortes contra ele; e ele, a pesar-de forte, nunca pôde vencer um inimigo tão numeroso. Mas precisamente por isso, o seu orgulho dilatara o seu amor pela terra e pela liberdade; e desse amor fez uma obsessão; e da obsessão um excitamento para que as suas virtudes e os seus valores se desenvolvessem e fossem uma eloquente razão para a independência que ele exigia.

Nunca se resignou, em tantos séculos de martírio, à tristeza da subalternidade merecida e injusta. Artistas, sábios, operários, católicos, ateus, comunistas, republicanos, todos amam a sua Catalunha e aspiram à sua independência. Trabalhadores hercúleos, amando a vida e amando o seu sônhio, com fanatismo, eles fizeram da sua terra uma grande terra.

Chegou o grande momento para a realização do seu sônhio. Protestam contra Maciá Mas se Maciá pensasse ou agisse em sentido oposto não era Maciá, não era catalão, não era o símbolo do grande sônhio da sua gente, seria um traidor...

REPORTER X

P. S. — Recebemos uma interessantíssima carta do nosso grande amigo e ilustre catalão Piñol, residente há muitos anos em Portugal, ardente amante da sua pátria, que só publicaremos no próximo número.

# A Republica Catalã



# História

OS leitores já deviam ter reparado, como nós reparámos, numa loja de ferragens que existe ao fundo da Rua Nova do Almada, n.º 7. Na aparência nada tem de extraordinário. É uma loja de ferragens como outra qualquer. Grandes armários do chão ao tecto, com embrulhos de papel pardo, por fóra dos quais se vê a amostra dos objectos que contém: fechaduras, parafusos, escopros, cabeças de martelo, ferragens amarelas para ornamentação de moveis, mil e uma bugigangas que rendem o bom dinheiro que os empregados de bata cinzenta recolhem ofegantes. É uma loja de ferragens como outra qualquer — mas tem a sua história, uma história, por sinal, que parece um romance de aventuras.

Se o leitor, tão curioso como nós, entrar naquele estabelecimento e perguntar quem é o dono, dir-lhe-ão que é o sr. Alberto Cesar das Neves. E se este não estiver a ares, na terra, que é para as bandas de Arganil, vê-lo-á em pessoa.

É um homem que aparenta quarenta e tantos anos, bem tratado, bem conservado, um pouco cheio, cara de poucos amigos, bigode facanhudo. Em Sarzedo (Arganil), de onde é natural, passa por ser um tipo de temer, arma rixas e passeia pelas redondezas com o ar de rei absoluto a quem toda a gente deva vassalagem.

E se o leitor, sempre curioso — mais que curioso, indiscreto —, perguntar ao sr. Alberto como se arranjou ele para ser proprietário daquela loja que tão bons rendimentos lhe dá, é possível que não obtenha uma resposta que o satisfaça. Para lhe explicar o caso teria que lhe falar num sobrinho mulato, filho de um irmão falecido — e esta conversa desagradava-lhe, irritava-o, faz-lhe eriçar furiosamente o pelo do bigode.

Ora, quem leia os jornais diários com atenção deve ter notado uma pequenas notícias, muito pequenas, que escapam aos olhos dos profanos... Sabe-se, por essas notícias, que a Polícia de Investigação Criminal trabalha afanosamente no apuramento de responsabilidades do desvio de uma herança. Essa herança caberia legitimamente a Alberto Acurcio das Neves, filho de José Acurcio das Neves, falecido em 28 de Julho de 1920. Pois o homem da loja de ferragens é irmão do falecido. A este pertenciam a loja e outros valores e propriedades hoje avaliados em cerca de dois mil contos. É por isso que o sr. Alberto Cesar das Neves tem grande dificuldade em explicar a proveniência dos seus bens, os seus e os de uma sua irmã, muito temente a Deus, de nome Beatriz da Piedade Neves, que também herdou por processos inexplicáveis o que afinal pertencia ao sobrinho, ao tal rapaz mulato de quem eles se querem ver livres, e que não há maneira de desaparecer ou morrer, o demónio!...

Já devem, pois, os leitores ter entrado na mecânica daquelas vidas, na história da loja de ferragens e de outros bens em Africa e na Metrópole de que o sr. Alberto e respectiva mana tem pósto e disposto a seu belo talante, como se fossem seus.

Façamos agora a história sintética, mas completa e ilustrada (pois aí vão os retratos de algumas personagens), da herança em questão.

Em 28 de Julho de 1920, falecia o sr. José Acurcio das Neves deixando um filho menor, Alberto Acurcio das Neves, com catorze anos de idade, que se encontrava internado na Casa Pia, desde 1918.

Os srs. dr. Antonio Aurelio da Costa Ferrei-

ra, já falecido, e Alfredo Soares, felizmente ainda vivo e são, conheciam muito bem o caso. Tanto assim que por iniciativa da Casa Pia se começou a elaborar o processo de habilitação do menor à herança do pai. Alberto Acurcio das Neves, o orfão, continuou na Casa Pia até 1922, data em que aparece uma nova personagem



José Acurcio das Neves

orfão sete anos de martírio em Africa, lutando contra más vontades, ganhando parcamente o seu pão, até que conseguiu amealhar o dinheiro para o regresso a Lisboa.

Antes de partir, porém, foi visitar ao hospital, onde se encontrava muito doente, o tal Antonio de Sousa Santos, que o perseguira. O homem presentia a morte próxima. E já desinteressado das coisas terrenas, confessou-lhe tudo o que contra a pobre vítima se tramava. Sim, desejavam apoderar-se da sua herança. Os tios queriam empatar tempo para que passasse o prazo legal de Alberto Acurcio das Neves se habilitar à herança do pai.

Regressou a Portugal em 26 de Julho de 1929, apresentando-se ao padrinho, o tal que era



Alberto Acurcio das Neves

a manobrar por conta e risco dos tios do rapaz. Era o padrinho, o sr. Francisco Maria Lopes, um comerciante de carreira acidentada, com uma quebra no activo, que sendo tutor do orfão o foi buscar à Casa Pia para o mandar para Luanda a-fim-de o garoto «tomar juízo».

Perceberam a manobra? Pretendia-se atirar para a costa de Africa o orfão, legítimo herdeiro, afastando-o de Lisboa, internando-o num clima a que ele já se desabitua. Talvez o empediço por lá morresse — e se não morresse, estaria longe e dificilmente poderia defender os seus interesses. Alberto Acurcio das Neves, muito novo e inexperiente, deixou-se exportar para Luanda enquanto os tios em Lisboa se habilitavam à herança e lançavam mão do que não lhes pertencia.

Com a saída do pupilo, a Casa Pia, logicamente, deixou de se interessar pela questão, que ficou ao abandono.

Ao despedir-se da sua vítima, Francisco Maria Lopes, que se fazia muito amigo, prometeu-lhe zelar pelos seus interesses e que, ao fim de dois anos, o mandaria regressar à Metrópole para tomar conta dos seus bens. E se se desse mal lá por Africa que participasse, que ele, tutor e padrinho estremoso, lhe enviaria o dinheiro para a passagem da volta...

Foi Alberto Acurcio das Neves recomendado ao sr. Antonio de Sousa Santos que, em vez de o acarinharem e protegerem, certamente obedecendo a indicações de Lisboa, perseguio-o, impediu-o de se colocar e de ganhar a sua vida. Passou o

muito seu amigo, que prometia auxiliá-lo, que lhe dizia que logo que voltasse tomaria conta do que era seu. Este bom padrinho deu-lhe quatrocentos escudos para que ele se governasse no primeiro mês. O resto não passou de promessas.

Foi então que a vítima resolveu tomar a ofensiva. A Assistência Pública, em virtude de ele ser um expulso da Casa Pia, tomou-lhe conta da questão entregando-a aos cuidados do dr. Couto Rosado. Está bem entregue. A Polícia de Investigação, convencida de que os tios do desapparecido desencaminharam documentos importantes, trabalha activamente no caso. E até uns primos de Alberto Acurcio das Neves, que foram ilegítimamente contemplados

na herança, achando-lhe razão, espontaneamente lhe escreveram dizendo-lhe que estavam na disposição de lhe restituir o que lhes foi parar às mãos indevidamente.

Aqui têm os leitores, em breve resumo, a história de uma herança, que também poderia intitular-se «História secreta de uma loja de ferragens», ou ainda «Como um sujeito mal encarado, de bigodes facanhudos, se apossa de bens que não lhe pertencem».

É porque o que relatamos é verdadeiro, temos inabalável confiança em que justiça será feita para que o orfão espoliado recupere os bens que legitimamente lhe pertencem, sendo castigados, como merecem, os autores de tão revoltante esbulho.

Z.

## de uma herança

# 5 À BEIRA-RIO A ESCRAVATURA BRANCA E OS ALCALOIDES

O ambiente perverso dos grandes portos — O que se observa no «Café Londres» — O sr. Gastão e o seu asqueroso negócio — Mercadoria humana — Pai e filha! — Numa taberna suspeita — O contrabando de alcaloides — Visitas a-bordo... — A casa do Alto de Santa Catarina

É IS-ME, finalmente, na beira-Tejo, na soturna periferia das docas e dos cais de Lisboa. Na nossa capital, como em todas as capitais, como em todas as cidades que são portos marítimos de intensidade, o clichê é sempre igual, com igual cenário entenebrecido e inquietante, e população vaga, suspeita, a espreguiçar-se ao sol — copiando o viver indolente dos descuidados *lazzaroni*... Londres, a febricitante *cosmopolis* do mundo, negra catedral do crime onde a cada momento se mata um homem à navalhada e se fabrica um «dreadnought» para esfolar povoações inteiras, possui o Tamisa com os seus numerosos antros de sordidez, com os seus perigosos «ghettos», nos quais dá sinistros «rendez-vous» a escória do banditismo internacional... Paris, a dos luxuosos «boulevards» e dos «cabarets» da loucura em que a vida transcorre plena de vertiginosos prazeres, não conseguiu ainda, não o conseguirá nunca, destruir as margens infames e tórvas do famoso Sena, que constituem o reduto seguro e autónomo dos mais facinorosos legionários do Mal... E as docas de New-York, com as suas temíveis associações secretas e lugubres meandros que são albergue de todos os criminosos, de todos os hóspedes da sombria Sing-Sing, que ali caem e se acoitam!?... E Shangai, incrustada na China desconhecida e que vive do próprio vício alcinante, não tem, também, os seus cais traiçoeiros, de proscriptos da Sociedade, de audaciosa pirataria de todas as nações do orbe!... E Marselha?... E Hamburgo?... E Barcelona?...

Pois as docas de Lisboa também abrigam os seus horrores e misérias, onde a vida se resume no interesse servido pelo menor esforço, a lei é o Crime, e a depredação é única fórmula de trabalho!...

Há ali os mesmos barracões-depósitos que existem nos grandes portos — iguais edificações abarracadas de madeira, poiso de não sei que mercadorias, que, de noite, dão um tétrico aspecto de silêncio e sombreados ao local, já de si inquietante... Há ali a mesma fauna miserável e misteriosa que vive não se sabe de quê e dorme entregue ao Acaso, recebendo o abraço acalentador do monte de pinho, no inverno frígido, ou, de verão, ou noites cálidas, sob o bôjo protector de qualquer barco esparramado em terra firme, de quilha para o ar. Sim, na imensa chusma imigratória há de tudo: desgraçados e criminosos, ladrões e vagabundos, meretrizes, alguns «sem trabalho». Também se vêem crianças nessa enorme praia do naufrágio que é a beira-rio, para onde foram arrojados os tristes restos da farraparia humana, para onde o Destino dispara os desprotegidos da sorte, as rodilhas da Sociedade. E notem que alguns desses entes delidos por tanta desventura foi aquele «meio» que os transformou em

# entre

autênticos malandros, em criaturas perigosas das quais nada há a esperar agora...

## Um drama da vida real

Comecemos pelo Cais do Sodré!  
Na clientela habitual do «Café Londres», ali na praça Duque da ceira, à mistura com ta gente de bem, vram-se indivíduos viver exis-  
tência — quero erêr! — estará ericada de negócios escuros, dos quais a Moral não sai incólume. Trajam bem, mamtêm luxuosas amantes, ostentam caras joias e... não têm modo de vida conhecido. Tão pouco possuem rendimentos próprios... No entanto, se inquirirdes da sua vida particular, achá-las-eis enroupadas de coisas densas, de paragrafos em aberto, de segredos que a ninguém se dizem — antes se adivinham... Encerram em si duas silhuetas distintas estas criaturas anquilosadas de mistérios: — uma mostra-se a toda a gente, é enganosa, cheia de artifícios, convencional; a outra é íntima, encofreada bem no âmago do seu ser, negra e profundamente tenebrosa... Esta última transcorre à margem do Código... Foi um antigo condiscipulo meu, do Liceu de Passos Manuel, quem me identificou diversas dessas estranhas figuras — uma tarde cogitativa em que a chuva morrinhenta me forçou a longa permanência no «Londres». Azares do Destino atiraram com esse fatalista rapaz, descendente directo de gente nobre, para a profissão de intérprete clandestino — a fim de poder manter-se, voluntariamente exilado, num ambiente que não

é proprietário — embora encapotadamente porque a lei não lho permitiria — duma casa suspeita, ali para os lados do Ferregial. A sua vida de «grand-seigneurs», a acreditar no que dela me narram, está argamassada em indiscriptíveis asquerosidades — e do seu carater repelente far-se-ia um completo livro de psicologia canalha.

Dizem-me que este senhor Gastão é no nosso país o agente ou comissionista — o termo próprio não importa — da mais poderosa associação secreta internacional, com sede em Budapest e ramificações em todo a mundo, cuja finalidade objectiva é o tráfico de alcaloides e o repugnante negócio da carne humana. Dizem-me — e eu acredito! No seu olhar notam-se degenerescências brutais e o seu crânio, de conformação particular, se fosse analisado por Gall daria o seguinte resultado: — propensão para o crime e inteligencia perversa...

Na sua própria casa, lá no Ferregial, é seguido o sistema de «roulement», havendo, permanentemente, mercadoria de várias nacionalidades, que ali foi parar mercê quem sabe de que occultos designios... Depois, quando aquela mercadoria já está muito conhecida, é «exportada» para outros países e substituída por nova

Não há muito tempo ainda, desenrolou-se nessa casa dramática scena — de que, porém, o senhor Gastão soube arrancar proveitoso partido. Ali, como pila, estava, ha-ses, uma in-teresante rapariga alemã, a quem qüentadores da tavam por Elisa uma noite foi lá con-por um intérprete ocasional, um turista alemão, já um tanto idoso, que chegara de manhã num barco de excursionistas. Como Elisabeth era germana foi, naturalmente, chamada para atender o «cliente». Entrou na sala, fresca, risonha, provocadora. E nesse momento ouviu-se um grito desgarrador, soltado pelo alemão, quando a viu, que depois caiu, pesadamente, inânime, para o sólo. Ela, assombrada primeiro, e fixando em seguida as feições da

Os rufias de Lisboa



Numa taberna da Rua Nova do Carvalho, marítimos estrangeiros fazem entrega da encomenda...

é o seu. Não tenho o direito de divulgar o seu apelido. Do doloroso drama da sua existência também não quero contar. Chama-se David...

O senhor Gastão é um antigo frequentador dos «cafés» do Cais do Sodré. Alto, forte, rosto encarniçado e ventre de burguês pacato. Terá quarenta anos, bem vividos... Informam-me que

quêle homem, fugiu, com rapidez, soluçando convulsamente. As pessoas presentes nada percebiam daquela scena imprevisita, até que o alemão, voltando a si, explicou, servindo-se para o efeito do intérprete, que Elisabeth, a mercenária do amor que ali leiloava as car-

(Conclui na pag. 15)

# MEMÓRIAS DE UM VELHO FOTÓGRAFO

(Continuação da pag. 5)

finíssima, o leque apoiado sobre o espaldar do cadeirão... Fixe-se agora no rosto da retratada... Custa-lhe a crêr hein? Pois é *elle*... é o grande poeta B... Rapou a barba, escanhou-se exclusivamente para se fotografar em *travesti* feminino... Inverosímil! Mas é autêntico... Quem havia de dizer — o poeta B, tão másculo nos seus versos, tão forte na corpulência de homem — emocionava-se até à vertigem trajando *toilettes* femininas, pintando-se, pondo brincos, pousando em atitudes de dama...

«Agora... esta criança... Cinco ou seis meses calculo eu que teria... Nuzinho de todo... Que lindo e rosado corpinho de anjo. A carne formando pulseiras... Moreno... Preparei-lhe um próprio um leito de almofadas para o estender... Que trabalho me deu... Foi preciso chocalhar campainhas... estragar chapas sobre chapas para obter essa imobilidade natural. Sabe quem é? O sr. dr. Julio dantas. Retratei-o em 1876... Quem me havia de dizer, quando o vi entrar ao colo da creada, seguido pelos pais alvoroçados pelo grande acto que se avizinhava, que aquêles dois palmos de gente haviam de ser... o que fôram — o que são...

— Conheço-a? A-pesar-dos estragos dos anos vê-se que é *ela*... Como sabe foi *ela* a primeira que nos teatros portugueses teve a coragem de exhibir a plástica, que era helenica, ainda assim velada pelo pídico *maillot*, o que não evitou o escândalo da severa Lisboa embora as plateias se enchessem todas as noites de gulosos que a fuzilavam com os binóculos. Para muita gente essa actriz era a mulher mais desvergonhada da terra, a indecência personificada, o descaro em pessoa, o ultraje a todas as mulheres, o desnível das cortezãs mais infectas! Pois bem... Um dia convidei-a a fotografar-se tal se exhibia no tablado... Se soubesse que luta — luta sincera, irreprimível, se travou na sua consciência, *no seu pudor!*

«Essa mulher, que foi a primeira a ofertar a falsa nudez do *maillot* às multidões das plateias, tirava de vergonha, como uma virgem, como uma colegial, como a mais honesta das donzelas, em se apresentar como no palco a objectiva insensível do aparelho fotográfico, sem cérebro, sem nervos, sem sensibilidade, sem cubição! Guardo êsse episódio na minha memória como um dos maiores enigmas da alma humana.»

Continuaram a desfilar retratos, episódios, novelas, à farta, ultrapassando os limites duma reportagem. Num dos últimos álbuns appareceu um grupo saltimbantesco — um cavalheiro de casaca século XIX, de calças em saca-rolhas sobre as botas de elástico, cabeleira frisada, insignias de pantomimeiro na lapela, olhos misteriosos, luminosos, olhos litográficos, olhos de cartaz — de mangas arregaçadas os dedos em garfo ameaçando espetarem-se na testa de um outro cavalheiro, estirado, hirtó, como uma tábua, a nuca pousada numa cadeira, os calcinheiros noutra, e sobre o seu corpo, equilibrado numa atitude acrobática, cinco marmanhões...

— O senhor nunca ouviu falar no célebre hipnotizador Raimundo? A última vez que o vi trabalhar foi ainda no Coliseu da Rua Nova da Palma, logo a seguir à inauguração. Há quantos anos! Um dia veio combinar comigo uma série de fotografias para o reclamo dos seus espectáculos. Foi uma tarde inteira — como tenho gozado poucas na minha vida! Raimundo contratara um *espectador voluntário*, desses que são convidados do palco e que ao palco sobem, já ensaiados, e que acompanham a «troupe» por toda a parte... Era um carroceiro hercúleo, um martir, um autêntico S. Sebastião... Por meio de espelhos ocultavam a tábua que unia o leito

ao seu corpo... *magnetizado*. Mas mesmo assim, aguentar com cinco indivíduos, empoleirados sobre o peito, sobre o ventre, sobre as pernas... — era prodígio hipnótico... superior às forças do carroceiro, que estava tão acordado como eu ou como os meus amigos... A meio da pose para o primeiro *cliché*, eis que o desgraçado estoira aos berros... Julguei que o tinham esmagado... Não era... «Ó seu malandro — gritava o... hipnotizado... —, você está com os pés sobre o meu rico relógio!...» O que mais o apouentava não era o peso da «troupe»... era o relógio, que não queria estragado... E o Raimundo, colérico, protestando: «Estou farto de dizer-lhe que em transe não se fala...» — «Não falo se me pagarem outro relógio...» Que ridícula era essa discussão entre o hipnotizado e o hipnotizador...

Havia ainda mais de vinte álbuns a ver — e três garrafas de vinho do Porto a esvasear. Mas... amanhecia..., e eu temi que o acompanhamento alcoolico *desfocasse* a memória onde ia fotografando as recordações do velho artista — que ficou triste por não poder desabafar todas as suas confidencias. Um dia lhe dedicarei um livro — e êsse então será ilustrado...

REPORTER X

## Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

*Merceeiros falidos, carneiros crivados de dividas, fanqueiros sem freguesia, a Morte é o grande negócio! Fechai os vossos estabelecimentos; acabai com o pesadelo das rendas de casa, dos ordenados do pessoal, das letrás a vencer, das mercadorias que se deterioram — e ide negociar com a Morte, o mais seguro, o mais prospero, o mais lucrativo dos negócios que se pode conceber.*

*Ali tudo deixa dinheiro. E quando já não há pretexto plausível para que da sentimentalidade das famílias enlutadas escorra ouro, inventa-se. Há poucos dias verificámos com os nossos olhos, porque o caso nos tocou de perto, quão expeditos são êstes felizes negociantes da Morte. Depois de soffermos resignados, calados, todas as explorações que mencionamos — comprar velho por novo e pagar licenças por tudo —, mandámos colocar na campá de nossa filha duas corôas que pessoas amigas lhe haviam ofertado. Qual não foi o nosso espanto ao verificarmos, no cemitério, que o coveiro tinha trocado por corôas velhas, gastas, as corôas lindas e novas que dois dias antes lhe enviáramos. E o cumulo! Não lhes basta já o ferro velho para negociar — até as corôas, as pobres corôas, êles furtaram impudentemente, colocando em seu lugar um amontoado de flores de papel amarelado, que provavelmente teriam ornamentado outra campá qualquer.*

*A Morte! Existe lá melhor negócio a explorar! No dia em que todos nos fizermos exploradores de cadáveres — acaba-se a miséria em Portugal...*

MARIO DOMINGUES

# OS VAMPIROS... INSACIAVEIS

(Continuação da pag. 9)

sobre ela teceu a lenda que a perpetuará na memória das populações orientais.

Chamava-se essa mulher Aleuba Kassini — e era princesa, mas o povo cognominou-a de Rainha da Selva. Naquella terra de fakirismo e mistérios, Aleuba Kassini aprendera artes irresistíveis de endojar os homens. E quando os tinha rendidos de amor, submissos, doces, a seus pés, matava-os. Todo o seu prazer sexual era dar a morte aos seus apaixonados. Ela era como que um Vacher ou, um Landru de saias...

Os ingleses quiseram organizar expedições contra essa fera de configuração humana que escolheira a floresta insondável para teatro dos seus crimes, mas os soldados, ouvindo pronunciar o seu nome, desertavam cheios de terror.

Parece que Aleuba-Kassini aprendera a ser assim feroz com seu pai, que enterrara viva sua mãe. E' possível... A verdade é que a vampira morreu impune, depois de ter assassinado cento e sessenta e tantos homens, só homens. Ela queria-os para o prazer de um momento. Depois destruiu-os.

Já não era nova nem bela quando faleceu. Mas pouco antes, a despeito da decadência da sua formosura, ainda atraíu ao seu covil, na sua floresta, alguns homens que assassinou.

Em 1929 o seu cadáver veio arrastado, já meio roído, inchado, disforme, pelas águas de um rio que as cheias haviam tornado caudalosas, torrenciais. Deixara de existir a Rainha da Selva — os homens podiam dormir descansados. A cheia substituiu a Justiça humana.

## Os bandidos em Portugal

Em Portugal não há memória de ter existido um ente de alma tão deformada como a dêsses que acabamos de evocar. E' motivo para os portugueses se regosijarem. Há crimes isolados, de pessoas que num momento de desvario, furtam a vida ao seu semelhante. Os bandidos profissionais, quando existem, matam em último extremo. E os seus crimes, como os de João Brândão ou José do Telhado, revestem-se de um «panache», de uma grandeza que, não atenuando o mal que produzem, provocam, entretanto, um pouco de simpatia às pessoas pacíficas. Os grandes criminosos portugueses, os que se celebrizaram, exceptuando Diogo Alves, que aliás era espanhol, possuem qualquer coisa de cavalleiresco; na lama dos seus actos cresce a flôr vermelha de um acto generoso a contrastar com a vida habitual do criminoso. Os seus crimes fornecem motivos para lindos romances de aventuras, com entremos românticos que Victor Hugo não desdenharia conceber; nos crimes dêsses vampiros, como Kürten ou Vacher, não existe o perfume suave de um amor casto, nem o acto cristão de uma esmola, nem uma arma que pende submissa ante a formosura de uma mulher ou a inocência de uma criança; há gangrena, há pus, há lama apenas.

GUIDO RUIVO

## COISAS QUE TODOS

### DEVEM SABER:

*A CASA QUINTÃO vende os afamados Tapetes de Beiriz, faianças artísticas e mobiliário género antigo*

RUA IVENS, 30 A 34

TELEFONE 2 6064

# ENTRE OS "RUFIAS" DE LISBOA

(Continuação da pag. 13)

nes, era... sua filha... Desaparecera de sua casa, em Berlim, quando contava dezassete anos e nunca mais dera notícias dela... Já lá iam seis anos — o pobre pai julgava a morta, chorara muito pelo seu desaparecimento. Daí por um pedaço Elisabeth contou a sua triste odisséia. Quantos desenganos, quantas humilhações, quantas baixezas morais não havia passado nesse tempo de separação!... Constantinopla, Paris, Madrid, Londres, Tanager eram-lhe familiares agora — em todas estas terras vendera carinhos...

Por fim, o angustiado alemão lá a levou na sua companhia — tentando esquecer o grau social a que a filha chegara. E em troca teve que

# A VOLTA AO MUNDO

(Continuação da pag. 4)

velmente enquanto a morte libertadora não chega.

Olga Lidivinov foi uma das mulheres mais belas da aristocracia russa. Filha do príncipe Lidivinov, que fôra ministro da Rússia imperial na Argentina, Olga recebeu uma educação esmerada, uma educação principesca que aliada à sua formosura a tornara a mulher mais requestrada do seu tempo. Aos vinte anos, a sua face branca sem mácula, os seus olhos escuros, seismadores, a sua figura esbelta, alta, fizeram andar à roda a cabeça de mais de um milionário. De entre eles destacava-se o castelhano Mariano de Aragon, conde de Aragon, adido à embaixada de Espanha na Argentina.

Mariano era um homem dos seus trinta anos, muito vivido já por Londres e Paris, um aventureiro que sabia dissimular-se com arte sob o seu título aristocrático e que irradiava uma simpatia à qual não souberam resistir nem a princezinha nem o pai. Com grande contentamento d'este último, Olga e Mariano casaram. Depressa a rapariga verificou que se unira a um canalha.

Mariano não possuía, nem de longe nem de perto, a fortuna que apregoava. Por isso principiou por devorar a da mulher, mais a herança avultada do sógro, que falecia um ano depois d'este infeliz matrimónio. Em Paris, onde Mariano se instalou, após uma temporada de grandeza imperial, de loucuras de toda a espécie, Mariano acabou por negociar a própria mulher. Vendeu-a pura e simplesmente a um judeu polaco, um sátiro de aspecto infernal, barba ponteaguda, olhos verdes scintilantes, baba escorrendo aos cantos da boca. Nas vésperas de se fechar o negócio, Olga fugiu, levando nos braços uma filhinha de meses.

Depois começou a sua odisséia, percorrendo o mundo a pé, anónima, vivendo de esmolas, dormindo pelos caminhos. A sua ânsia era chegar à Rússia. Estava já na Prússia Oriental quando rebentou a Grande Guerra. Foram quatro anos de angústia indescriptível, de miséria horrível. E para lhe cortar o resto das esperanças sobreveio a revolução russa, com o seu ódio à aristocracia e as suas perseguições atrozes.

Regressou a Paris, a pé. Era irreconhecível.

confiança espalha-se pela cidade, fornecendo encomendas, oferecendo serradura (cocaína), frequentando clubs elegantes (enorme mercado de consumação de alcaloides), insinuando-se pelas «caixas» de teatros, efectuando, em suma, com prodigiosa habilidade, um intenso trabalho subterrâneo de infiltração... E o número de vítimas aumenta dia a dia...

Não julguem que são efabulações minhas! E' que certas camadas da sociedade actual estão sendo varridas por um insaciável *sinoum* de vício, por uma inquietante rajada de loucura — a loucura da Hora...

## Recantos misteriosos de Lisboa

Os intérpretes particulares que no Cais do Sodré abundam também têm a sua crónica de fraude e de embuste, cavalgada de coisas escuras, de opacidades de trevas... Muitos d'elles são ladrões — mas também os há honrados. Os outros, os primeiros, começam por captar a confiança dos desprevenidos turistas, para acabarem por os roubar, depois de previamente os terem encharcado de alcohol.

Um d'elles, a quem, não sei porquê, juntaram o *sobriquet* de «Brasileiro» ao seu nome baptis-mal de Carlos, é um verdadeiro simbolo daquela esquisita sociedade profissional. Apareceu por aquelles sitios há uma meia duzia de anos, de fundilhos nas calças coçadas e fazendo recados a quem lhos pagasse... Depois, por tanto con-

A-beleza esvaira-se com o sofrimento, a inteligência deprimira-se. A filha, a Vera, em consequência das privações daquela vida sem cira nem beira, era um ente inútil.

A trapeira afastara um reposteiro de chita que disfarçava uma porta. Do outro lado havia um compartimento acanhado. Uma mesa tosca, um leito miseravel e, numa cadeira, uma mulher pálida, de uma palidez aflitiva, a destacar-se na penumbra. Não fazia um único movimento, dir-se-ia uma estátua de cera.

— E' cega e paralitica a minha pobre Vera — disse a trapeira em voz cava.

Pobre Vera! Pobre Olga! Pobre trapeira de Paris!

Disfarçadamente, deixei sobre a tosca banca uma nota de cem francos e retirei-me acabrunhado, como se tivesse remorsos da minha felicidade.

Não tem ânimo para lhe escrever mais, por hoje, o seu amigo grato

LEITOR DO «REPORTER X»

## Uma fera misteriosa

(Continuação da pag. 7)

Todos estes fenomenos, sejam produto da fantasia dos romancistas, sejam reportagens de jornalistas conscienciosos, desembocam em armadilhas de malandrins, com objectivos incon-fessaveis. Podemos ainda evocar a fuga do leopardo do Jardim Zoologico, a da pantera do Jardim de Aclimação de Paris, que despovoou o Bosque de Bolonha durante duas semanas, e uma noticia publicada, ao lado da correspondencia de Santa Marta, informando que, em Napoles, uma leoa, aproveitando a quebra das grades da sua jaula, apavorou toda a cidade. Ora há uns meses, pouco mais ou menos, percorreu o Mi-nho a *ménagerie* ambulante do alemão Troskarwy... Na sua collecção existiam feras variadas. Quem nos diz a nós que alguma delas conseguiu libertar-se e, ocultando-se de dia, busca alimento, protegida pelas sombras da noite?

S. M. 5/5/31

C. F.

viver com estrangeiros, familiarizou-se com a lingua inglesa, adquirindo igualmente conhecimentos praticos de francês... E como é esperto, o maldito, ei-lo que começou a ciceronar os forasteiros que chegavam por mar, ávidos de prazeres que só a cidade lhes poderia oferecer... Hoje já tem dois automoveis na praça e usa certos geitos de homem de tom. Mas não supunham que abandonou a sua profissão... Não senhor, a sua faina é ainda a mesma — porque é imensamente lucrativa. O patife conhece todos os lugares de secretos prazeres, de cujos proprietários recebe determinada comissão por cada cliente que lá conduza... Assim, está sempre a lucrar — desde o «bar» do Corpo Santo, dos autenticos alcouces que são conhecidas casas de «manueiros» e de alguns cabeleireiros de senhoras, até aos clubs da Baixa. E se percebe no turista qualquer predisposição para o abuso dos paraísos artificiais, sabe levá-lo a uma casa misteriosa que existe ali para as bandas de Santa Catarina — que diversas figuras de relvão da nossa primeira sociedade visitam também em dias certos da semana...

AMERICO FARIA

No próximo número — NAS DOCAS DE ALCANTARA — Ante-penúltima reportagem da série «Entre os «rufias» de Lisboa».



No «Café Londres», no Cais do Sodré, o nosso redactor a ouvir um seu antigo condiscipulo, a quem azares da vida fizeram interprete de linguas estrangeiras

deixar nas mãos insaciaveis do senhor Gastão algumas dezenas de centenas de escudos — preço do resgate. Resgate sim, porque as desgraçadas raparigas estão sempre em dívida perante os proprietários das casas que as albergam. Que-reis saber como, senhores? Porque são obrigadas a comprar nessas casas, pelo triplo do valor que cá fóra custam, todos os objectos e vestuário de que necessitam...

De outras vezes, o tenebroso indivíduo dá-se a frequentar assiduamente os clubs modernos, conciliabulando, em segredo, com as mais lindas flores do entulho, fazendo-lhes propostas ignó-beis, tentando-as com miragens de sonho... Depois, decorridos dias, elas, pobres iludidas, lá partem em grandes paquetes — consignadas às agencias dos centros cosmopolitas de Alé-m-Atlantico: Rio de Janeiro, Buenos Aires, Santos...

Outras vezes então é na provincia que o se-nhor Gastão, auxiliado por viscosas megeras, recruta a sua rendosa mercadoria, esfarrapando corações de pais abandonados e estrangulando desconfianças despropositadas ou escrúpulos descabidos...

Para o tráfico de alcaloides — outra grande modalidade da sua actividade deletéria e pernicioso — conta com uma completa organização de auxiliares... Primeiro são os maritimos estrangeiros, tripulantes de diversos vapores que tocam o nosso porto. Trazem de Paris, ou de Londres, as remessas do «doce veneno» — ópio, morfina, cocaína, haschich... Numa taberna da Rua Nova do Carvalho, quasi debaixo do arco da Rua do Alecrim, junta-se-lhe o «patrão» — nome com que o senhor Gastão é tratado pelos seus cúmplices —, a quem fazem a entrega da encomenda... No entanto, occasiões há em que é necessário fazer-se a «passagem». E' quando qualquer denuncia põs o pessoal aduaneiro de sobreaviso. Então é ver-se as visitas que nesse dia entram no barco — «senhoras» no rigor da moda, homens de impecavel elegancia, alguns conhecidissimos em determinados meios... E a goma alta de peles dum casaco de senhora — são occultos meios de transporte de estupe-ficantes de bordo para terra.

Finalmente, uma imensa rede de agentes de



# reportagem

Semanario das  
grandes reportagens



Varios aspectos da vida do mergulhador = Ler grande reportagem neste numero

